

SAUL BELLOW

Henderson, o Rei da Chuva

Tradução

José Geraldo Couto



Copyright © 1958, 1959, 1974, The Estate of Saul Bellow
Copyright renovado © 1986, 1987, The Estate of Saul Bellow
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Henderson, the Rain King

Capa
Elisa v. Randow

Foto de capa
© Tim Davis/ Corbis (DC)/ LatinStock

Preparação
Carlos Alberto Bárbaro

Revisão
Márcia Moura
Daniela Medeiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bellow, Saul
Henderson, o rei da chuva / Saul Bellow ; tradução José
Geraldo Couto. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Henderson, the Rain King
ISBN 978-85-359-1657-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

10-03118

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

1.

O que me levou a fazer essa viagem à África? Não há uma explicação simples. As coisas começaram a ir de mal a pior e logo ficaram muito complicadas.

Se penso na minha situação aos cinquenta e cinco anos, quando comprei a passagem, tudo é sofrimento. Os fatos começam a me soterrar e não demora eu sinto um peso no peito. Desata-se uma torrente desordenada — meus pais, minhas esposas, minhas garotas, meus filhos, minha fazenda, meus bichos, meus hábitos, meu dinheiro, minhas aulas de música, meus porres, meus preconceitos, minha brutalidade, meus dentes, meu rosto, minha alma! Tenho que gritar: “Não, não, fora daqui, malditos, me deixem em paz!”. Mas como podem me deixar em paz? Eles me pertencem. São coisa minha. E se acumulam em mim por todos os lados. É o caos.

No entanto, o mundo que eu considerava um opressor tão poderoso suspendeu sua fúria contra mim. Mas se eu quiser ser compreendido por vocês e explicar por que fui para a África, tenho que encarar os fatos. Poderia também começar pelo dinhei-

ro. Sou rico. Do meu velho herdei três milhões de dólares, já descontados os impostos, mas eu me via como um vagabundo e tinha minhas razões para isso, e a principal delas era que me comportava como um. Mas, cá comigo, quando as coisas ficavam muito feias, eu volta e meia vasculhava os livros para ver se encontrava palavras que ajudassem, e um dia li: “A remissão dos pecados é perpétua e a retidão inicial não é um requisito”. Isso me impressionou tão profundamente que saí repetindo a frase para mim mesmo. Mas esqueci qual era o livro. Era um dos milhares deixados pelo meu pai, que também tinha escrito uma porção deles. E procurei em dúzias de volumes, mas tudo o que encontrei foi dinheiro, pois meu pai costumava usar cédulas como marcadores de página — o que quer que tivesse nos bolsos: notas de cinco, de dez, de vinte. Algumas cédulas de trinta anos atrás, já sem valor, apareciam, grandes notas do velho dólar-ouro. Em honra dos velhos tempos eu ficava feliz em vê-las e, depois de fechar a biblioteca para manter as crianças afastadas, passava a tarde no alto de uma escada, sacudindo livros para o dinheiro descer rodopiando até o chão. Mas nunca encontrei aquela frase sobre a remissão.

Outro fio da meada: sou formado numa universidade da Ivy League — não vejo motivo para constranger minha *alma mater* mencionando seu nome. Se eu não fosse um Henderson, se não fosse filho de quem sou, eles teriam me expulsado. Nasci com seis quilos e trezentos e quarenta e dois gramas, e foi um parto difícil. Então cresci. Um metro e noventa e três de altura. Cento e cinco quilos. Uma cabeça enorme, rugosa, com cabelo que parece pele de cordeiro persa. Olhos desconfiados, geralmente apertados. Modos tempestuosos. Um narigão. Fui o único sobrevivente de três filhos. Meu pai precisou de toda a sua caridade para me perdoar, e acho que nunca chegou a fazê-lo de todo. Quando chegou a hora de casar tentei agradá-lo e escolhi uma

garota da nossa classe social. Uma pessoa notável, bonita, alta, elegante, rija, com braços compridos e cabelos dourados, reservada, fértil e tranquila. Ninguém da família dela poderá brigar comigo se eu acrescentar que ela é esquizofrênica, pois com certeza ela é. Também a mim me consideram louco, e com boas razões — mal-humorado, bruto, tirânico e provavelmente doido. A julgar pela idade das crianças, fomos casados por uns vinte anos. Há Edward, Ricey, Alice, e mais dois — meu Deus, tive um monte de filhos. Deus abençoe o bando todo.

À minha maneira, trabalhei duro. O trabalho é um sofrimento brutal, e geralmente eu ficava bêbado antes da hora do almoço. Pouco depois que voltei da guerra (eu tinha passado da idade de servir, mas nada pôde me deter; fui até Washington e pressionei as pessoas até me deixarem entrar no combate), Frances e eu nos divorciamos. Isso aconteceu depois do Dia da Vitória. Ou não tão cedo? Não, deve ter sido em 1948. Seja como for, agora ela está na Suíça e tem com ela um dos nossos filhos. O que ela quer com uma criança eu não sei dizer, mas ela tem uma, e tudo bem. Que seja feliz.

O divórcio me deu grande prazer. Ofereceu-me um novo começo na vida. Eu já tinha escolhido outra esposa e logo nos casamos. Minha segunda mulher se chama Lily (sobrenome de solteira, Simmons). Temos dois meninos gêmeos.

Agora sinto a torrente desordenada — causei dissabores terríveis a Lily, mais ainda do que a Frances. Frances era reservada, o que a protegeu, mas Lily recebeu tudo em cheio. Talvez uma mudança para melhor me impulsionasse; eu estava ajustado a uma vida má. Sempre que Frances não gostava do que eu estava fazendo, e isso acontecia a toda hora, ela se afastava de mim. Ficava como a lua de Shelley, vagando sozinha. Lily não; e eu

falava dela com empolgação em público e a amaldiçoava em particular. Me envolvi em brigas nos botecos perto da fazenda e os policiais locais me trancafiaram. Tentei fazer um acordo com eles, e teriam me dado uma boa surra se eu não fosse tão conhecido na região. Lily veio e pagou minha fiança. Então tive uma escaramuça com o veterinário a propósito de um dos meus porcos e outra com o condutor de uma máquina de limpar neve na US-7 quando ele tentou me obrigar a sair da estrada. E uns dois anos atrás caí de um trator quando estava bêbado e atrolei a mim mesmo e quebrei a perna. Durante meses andei de muletas, batendo em todo mundo que cruzasse meu caminho, gente ou bicho, e fazendo da vida de Lily um inferno. Com o corpanzil de um jogador de futebol americano e a cor de um cigano, praguejando, mostrando os dentes e abanando a cabeça de um lado para outro — não admira que as pessoas saíssem da minha frente. Mas isso não foi tudo.

Lily está, por exemplo, recebendo senhoras e eu entro com meu gesso nojento, calçando meiões de futebol; estou vestindo um roupão de veludo vermelho que comprei na Sulka, em Paris, numa espécie de comemoração quando Frances disse que queria o divórcio. Para completar, uso um boné de caça de lã vermelha. E limpo o nariz e o bigode nos dedos e então estendo a mão às visitas, dizendo: “Sou o sr. Henderson, como vai?”. E vou até Lily e aperto sua mão também, como se ela fosse só mais uma visita, uma estranha como as outras. E digo: “Como vai?”. Imagino que as senhoras estão dizendo a si mesmas: “Ele não a reconhece. Em sua cabeça, continua casado com a primeira esposa. Não é terrível?”. Essa fidelidade imaginária as alvoroça.

Mas estão todas enganadas. Como Lily bem sabe, foi de propósito, e quando estamos a sós ela grita para mim: “Gene, qual é a sua? O que está pretendendo?”.

Cingido pelo cinto vermelho, ergo-me diante dela em meu

roupão de veludo, pateando com fúria, o gesso no formato do pé arranhando violentamente o chão, e balanço a cabeça enquanto digo: “Tchu-tchu-tchu!”.

Porque quando fui trazido do hospital para casa naquele maldito gesso pesado, ouvi-a dizer ao telefone: “Foi só mais um dos acidentes dele. Acontecem a toda hora, mas oh, ele é tão forte. É inassassinável”. Inassassinável! Que acham disso? Aquilo me deixou muito chateado.

Mas talvez Lily tivesse falado de brincadeira. Ela adora fazer graça ao telefone. É uma mulher grande, vivaz. Seu rosto é doce e seu temperamento, em geral, combina com ele. Tivemos uns momentos muito bons também. E, quando penso nisso, um dos melhores ocorreu durante a sua gravidez, quando esta já estava bem avançada. Antes de irmos dormir eu massageava sua barriga com óleo infantil para aliviar a tensão da pele esticada. Seus mamilos tinham passado do róseo a um marrom vivo, e os bebês se moviam dentro dela alterando o formato arredondado da sua barriga.

Eu massageava de leve e com o maior cuidado para que os meus dedos grosseiros não lhe causassem nenhum mal. Então, antes de apagar a luz, eu limpava os dedos no cabelo, Lily e eu trocávamos beijos de boa-noite e, sob o aroma do óleo infantil, íamos dormir.

Mas depois voltamos a ficar em pé de guerra, e quando a ouvi dizer que eu era inassassinável tomei a coisa como hostilidade, embora soubesse que não era bem assim. Não, eu a tratava como uma estranha diante das visitas porque não gostava de vê-la se comportar como a dama do lar; porque eu, o único herdeiro deste nome famoso e deste patrimônio, sou um vagabundo, e ela não é uma dama, mas meramente minha mulher — meramente minha mulher.

Já que os invernos pareciam piorar o meu estado, ela deci-

diu que deveríamos ir a um hotel-resort no Golfo, onde eu poderia pescar um pouco. Um amigo atencioso tinha dado a cada um dos gêmeos um estilingue feito de compensado, e achei um desses estilingues em minha mala quando estava desfazendo as bagagens e resolvi brincar com ele. Desisti de pescar e fiquei sentado na praia disparando pedras contra garrafas. Então talvez as pessoas dissessem: “Está vendo aquele sujeito grandão de nariz enorme e bigode? Bom, o bisavô dele foi ministro de Estado, seus tios-avôs foram embaixadores na Inglaterra e na França e seu pai foi o famoso erudito Willard Henderson, que escreveu aquele livro sobre os albigenses e era amigo de William James e Henry Adams”. Não era isso que diziam? Podem apostar que era. Ali estava eu naquele resort com minha inquieta segunda mulher de rosto doce, que media, por sua vez, pouco menos que um metro e oitenta, e nossos gêmeos. No restaurante eu despejava bourbon de uma grande garrafa de bolso no meu café matinal e na praia eu estilhaçava garrafas. Os hóspedes se queixaram ao gerente sobre o vidro quebrado e o gerente foi conversar com Lily; comigo ninguém queria se confrontar. Um hotel elegante, que não aceitava judeus, e de repente quem aparecia era eu, E. H. Henderson. As outras crianças pararam de brincar com os gêmeos, as outras mulheres passaram a evitar Lily.

Lily tentou me chamar à razão. Estávamos na nossa suíte, eu de calção de banho, e ela abriu a discussão sobre o estilingue e o vidro quebrado e a minha atitude em relação aos outros hóspedes. Agora, Lily é uma mulher muito inteligente. Ela não dá bronca, mas passa sermão; é muito chegada a isso e, quando acontece, fica branca e começa a falar com a respiração contida. Não é de mim que tem medo, mas sim de que aquilo desate uma crise na sua cabeça.

Mas como a discussão comigo não a estava levando a parte alguma ela começou a chorar, e quando vi suas lágrimas perdi a

cabeça e berrei: “Vou estourar meus miolos! Vou me dar um tiro. Não esqueci de pôr a pistola na mala. Estou com ela agora”.

“Oh, Gene!”, ela gritou, cobriu o rosto e saiu correndo.

Vou lhes contar por quê.